



19 agosto 2018 | ano 43 | Tempo Comum 20 | 2076

«Tudo o que é humano me atinge,
Porque tudo o que é humano é divino»

Amadeu Baptista, *Paixão* (2003)

CAUDAL DE
RELÂMPAGOS
ANTOLOGIA PESSOAL 1982-2017



AMADEU BAPTISTA



Ler o Invisível

P OESIA NÃO É AMPARO CONTRA A DESOLAÇÃO.

Como poeta estou
sempre cheio e

sempre vazio e, quanto maior é o confronto com o poema, mais o vazio se expande e é maior a desolação. Levo muito mais anos de escrita do que a que se condensa na larga Antologia [CAUDAL DE RELÂMPAGOS. *Antologia Pessoal 1982-2017*] que hoje se apresenta. Olho para trás e sei que sempre escrevi sobre o vazio, não apenas para o ultrapassar, mas para subentender alguma comoção no que vejo à minha volta. Paradoxalmente, não há balanços que possam confirmar cada uma das batalhas da guerra interior que de mim para mim quis aceitar, ou das que empreendi mesmo sem qualquer aceitação da minha parte. Por um lado, subentendo no mundo uma certa possibilidade de quantificação de beleza que, irremediavelmente, nunca será quantificável, por mais optimismo ou pessimismo que possa cultivar. Por outro lado, sei que a predisposição para a escrita vale tanto como a vontade que um prisioneiro tem de vir a ser livre sem que, no entanto, nada o salve da pena, ou lha possa comutar. Escrever é pensar, mas o pensamento que radica em cada tarefa que prepara e realiza o poema é um arresto sem fim, um confisco, uma aprendizagem que

nada mais ensina do que a fátua tentativa de prevalecer sobre a morte, sem da morte nunca prevalecer. No fundo, ignoro se sou poeta, se essa qualidade me deslumbra ou me cega irredutivelmente perante o que a poesia seja, ou à poesia alguma coisa deva como disciplina insana e insaciável, ganhando ou perdendo sempre nos seus excessivos tabuleiros. A cada novo livro, a cada novo poema, não resta senão uma correnteza de descomedido vazio, por muito que a obra se acumule e se expanda, por muito que o esforço e o empenho possam constituir um enlevo que me possa absolver das muitas culpas encontradas no caminho. Nunca há culpa, o mundo é a transgressão cooptada e o sinal que mantemos e sempre nos acompanha desde o nascimento. Nascemos para morrer e sobre esse absurdo nos erguemos e incapacitamos, no âmbito da poesia, dos poemas, dos livros e, obviamente, da vida. Um poema contém sempre uma pequena parte da biografia do que fomos e somos e expressa a falibilidade da nossa fraqueza, a frágil delicadeza com que os fios da teia se vão tecendo poderosamente em volta da nossa cabeça e do nosso coração. A consciência da escrita vai comigo há mais de cinquenta anos. Há mais de cinquenta anos ignorava como tinha caído sobre mim uma doença incurável, de solidão e de

medo, uma doença que, por um arranhão de felicidade, me haveria de abater e matar. Milhares de cigarros, milhares de insónias, milhares de perdas conduzem a que êxtase, a que dolo? Quanta tristeza vale a alegria de um verso, de um limite transporto, de uma ilusão que se alimenta para o resplendor de um azul, de uma praia, de um vaso de avenca, de uma página que se preenche e queremos salvar do sempre omnipresente esquecimento que, inexorável, cada momento entrega? Passaram os anos e cada vez me encontro mais ciente de que a felicidade almejada é inexistente no que faço, como uma impossibilidade, não podendo mais do que conhecer as ciladas que o corpo arma e a amargura instila. Um poeta feliz só poderia ser um idiota, que ao acaso das coisas conseguisse tocar a substância do que se faz por pasmo e estupor. O máximo expoente do vazio é o esquecimento, e um poeta sabe por experiência que não pode escapar a essa hostilidade e a essa impotência, por mais obstinado que seja, por mais amor que invista, ou ceda, ou hipoteque aos outros, por maior que seja a quantidade de tempo em que se ocupou no combate. E a doença é sempre avassaladora e brutal, a assediar o coração e o espírito, a promover um cúmulo de derrotas que nunca cessam, nunca desarmam, nunca me põem de pé

sobre mim mesmo. Aqui vai mais um livro dos muitos que organizei, um caudal de energia que reúne uns quantos relâmpagos por que me fascinei e sobre os quais tive que trabalhar após ter ouvido uns quantos trovões na minha alma, a predispor-me para a luz, as sombras, o negrume. Se sou poeta, e ignoro se de facto o sou, sê-lo-ei, talvez, pela primazia que sempre dei à perseverança em aceitar um repto que sempre soube que me transcendia como homem. Uma aceitação ingénua, quase involuntária, e sempre ignorante quanto ao que da arte adivinhei e nunca consegui vislumbrar com eficácia, a ponto de saber o verdadeiro nome por que responde quando a chamo. E tem nome, a arte? E podemos nós, mortais, chamá-la para que não sejamos os desvalidos que somos? Há demasiadas paisagens na minha memória para que tenha sobre tudo um poder redutor que me resolva como artista. Vivi em muitos lugares, assomei a demasiadas janelas, observei inúmeras estrelas, cometi diversos suicídios e vários assassinatos. Li os mestres e fiz deles a minha religião, por mais contraditórios que fossem entre si, ou eu perante eles. A experiência foi sempre levada a cabo por tentativa e erro – e medo, e objecção. E erro, e medo, e objecção são os rios porque me fui espraçando em cada um dos livros que escrevi, preenchendo e esvaziando o

espaço vital em que me movo,
jamaiz apaziguado, em busca de
um sossego que não há,
incompreendido de mim e dos
outros, até à exaustão, ao
desespero, à recriminação. Por
isso o vazio se adensa, e se enche
assim, precariamente, até que se
viabilize uma nova oportunidade
para de novo me fascinar, e mais
uma vez bata com os ossos na
página em branco para que possa
ouvir e ver de um modo diferente
o que já tantas vezes se dissipou
em mim. A poesia é uma arte
superior de comunicação, e não há
o que possa conter mais mistério
do que a poesia que em nós se
oculta e desoculta, para nossa
graça e para nossa desgraça.
Soube-a escrever? Sem que
pudesse nunca escapar ao
sortilégio, ganhei a vida ou
desperdicei-a nesta constância
inconstante que nem sequer
escolhi, mas se me impôs como
jornada inadiável e extenuante
passagem para um lugar que
muito provavelmente não existe.
Hoje, a minha vaidade deu-se ao
arrojo de querer que viesse a lume
esta *Antologia* em que selecciono
um longo caudal do que publiquei
nos últimos trinta e cinco anos de
actividade literária, seja lá o que
isso for para um aprendiz de
feiticeiro que, pelos vistos, mais
não sabe do que desaprender ou
permanecer ignorante. Se algum

leitor puder identificar-se num
verso que seja do que ficou escrito,
já rejubilarei por a coincidência
ter resultado. Aqui fica o volume,
com a tinta ainda fresca, a
preencher um vazio que não me
há-de amparar nos novos desafios
que hei-de enfrentar no
irremediável vício que é escrever.
Apesar de tudo, de mim há-de
mostrar alguma coisa, além do
testemunho de estar agora a
apresenta-lo, cheio de
contentamento por me encontrar
entre benevolentes amigos, como
prova de vida e de trabalho feito.



AMADEU BAPTISTA (1953).
Poeta português, nascido no Porto e
residente em V. N. de Gaia. Poemas
seus foram traduzidos para Alemão,
Castelhano, Catalão, Italiano, Inglês,
Francês, Hebraico e Romeno e
distinguido com vários prémios
literários nacionais e internacionais.

(Texto para a apresentação da sua Antologia

CAUDAL DE RELÂMPAGOS ANTOLOGIA PESSOAL 1982 – 2017), no Porto, em 11.03.2017.

dies irae

Este é o tempo de pescar homens à mão.
Depois de Auschwitz e após setenta anos do fim da segunda
Guerra mundial, as criaturas morrem em balsas improváveis
No mar mediterrâneo ou acabam vitimadas

Nos camiões-frigoríficos das auto-estradas da Europa,
Famintas, esgotadas, enregeladas. Não sabemos
Quem somos neste tempo, o mais que somos
É refugiado da crueldade da guerra, e da sua miséria,
Da barbaridade que a desilusão do século XXI
Quis entregar-nos. Não há caminhos, montanhas,
Praias limpas. Na pólis da antiga Grécia não entram
Mercadores e o paradoxo é que são agora os mercados que decidem

A nossa dor, a dor dos nossos coetâneos,
A dor universal de estarmos indefesos.
Tempos houve que se ergueram muros
Para evitar que as pessoas saíssem dos países,

Agora as barreiras são erguidas para que
Não entrem as pessoas nos países, essas vítimas
Que mais não fazem do que fugir da atrocidade
Com que as confrontam sob a ameaça de serem

Espoliadas de tudo quanto têm e quanto são,
Sendo verdade que, mais cedo ou mais tarde, acabarão
Assassinadas em qualquer esquina de um campo por lavar,
Ou numa estação de comboios em que não podem entrar.

Nada nos pertence quando a treva invade tudo,
A matéria da luz perde-se a cada instante,
Éramos os que tínhamos esperança e agora nada somos,
A imbrincar silêncio sobre tudo, a tecer uma teia

De comércio de armas, de lavagem de dinheiro,
De custos cada vez mais elaborados no deve e haver
Das almas, cúmplices inconfessáveis dos dramas
Que não vemos, por mais que nos entrem pelos olhos dentro.

Ah, que chegue o dia da ira, que não haja salvação
Para os que nos condenaram. Não há caminhos, montanhas,
Praias limpas. A sordidez ultrapassa qualquer realidade
E nem as lágrimas bastam, nem a cólera que não ousamos ter.

(no *blogue* do autor, Amadeu Baptista, em 3 de setembro de 2015)

os universos temáticos de Maria Velho da Costa



Quando em Maio de 1971 «as mãos de 3 aranhas astuciosas» (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) iniciaram a escrita de *NOVAS CARTAS PORTUGUESAS*, tendo por matriz o texto *Cartas Portuguesas*, atribuído a Mariana Alcoforado, estariam por certo longe de

imaginar o torvelinho que a sua publicação, em 1972, iria provocar no País sisudo, amargo e triste de Salazar e Caetano.

A propalada *Primavera Marcelista* ficava, através da persecutória investida sobre um livro, posta a nu. O embuste não resistiu a um livro que falava da mulher, do seu corpo e da liberdade de o usar; do prazer e do amor compartilhado. O livro, como era usual nestes tempos de bruma, foi retirado das livrarias 3 dias após o seu lançamento. O pretexto, segundo a omnipresente PIDE, na versão beata DGS, seria a de o conteúdo ser «insanavelmente pornográfico e atentatório da moral pública». Seguiram-se os processos-crime, as audiências e toda a parafernália de acções de cerco e ameaças que o poder fascista usava em casos que tais. A Revolução de Abril poria fim a mais este funesto atentado à cultura e à livre expressão das ideias.

Mais do que tematizar a libido, as complexas relações nas sociedades contemporâneas, as *Novas Cartas Portuguesas* denunciavam a situação política do País, a guerra colonial, o poder judicial e suas manhas, a condição da mulher numa sociedade conservadora e fortemente padronizada pelo homem, a emigração (mais de 2 milhões de portugueses haviam saído do País), a falta de perspectivas para os jovens.

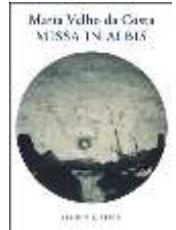


No livro *Cravo*, numa prosa solar, libertária, de afirmação revolucionária, Maria Velho da Costa regressará a estes temas, incluindo nesse magnífico acervo da nossa memória colectiva, o Poema *Revolução e Mulher*, no qual define com clareza o papel e a igualdade da mulher numa sociedade livre: *Elas diziam tu às pessoas com estudos/ e aos outros homens/ Elas iam e não sabiam para onde, mas iam (...) Elas aprenderam a mexer nos livros*

de contas/ e nas alfaias das herdades abandonadas/ Elas dobraram em quatro um papel/ que levava dentro uma cruzinha laboriosa.

Em 1969, com a publicação de *Maina Mendes*, Velho da Costa percorrerá, numa prosa poética que nos reconduz às raízes da língua, esse conturbado mundo interior, esse universo ancho das mulheres que se recusam à submissão e ao ultraje, que assumem até ao desespero e à raiva a recusa de um mundo comandado pelos homens, feito à sua vontade.

*Missa in Albis*¹ é uma das obras centrais do universo temático da autora de *Lucialima*. Nela coabitam várias abordagens sobre o amor e seus excessos, os mitos que se desfazem e transfiguram. Tendo como base de explanação e suporte ficcional, a celebração da *Missa da Oitava Páscoa*, que o título latino da obra acentua, o romance diz-nos da paixão, da angústia, da morte, num registo romântico que lembra Camilo. As epígrafes irão acompanhar a estrutura romanesca desta obra singular, como um pré-texto introdutório ao desenvolvimento lúdico do amor fatal de Sara e Simão, acrescentando-lhe o medo e o terror salazarista.



As personagens femininas de Velho da Costa possuem um ambíguo sentido de transcendência, que não procura resgate, mas afirmação face ao caos do mundo; busca uma identidade superlativa e resistente que enfrente dúvidas e caminhos percorridos às cegas. Há nessas personagens uma modelar voz intemporal, da essência, do que redime ou mata, algo de poroso e selvagem como em *Maina Mendes*, ou de absoluto desespero como em Sara, de *Missa in Albis*. Com elas a autora alargou os limites da língua, a intensidade semântica, as ressonâncias imagísticas da Literatura feita em português.

Nos 80 anos de Maria Velho da Costa, que este mês se celebram, para além do sentido abraço que aqui lhe deixamos, o mais profícuo e justo brinde será lê-la, não perder o mágico fio de prumo dessa prosa única e fecunda.

¹. Chamo a atenção para o magnífico prefácio de Manuel Gusmão, que acompanha a edição de *Missa in Albis*

Domingos Lobo. Escritor

**a melhor homenagem a Maria Velho da Costa,
que celebra oitenta anos, é ler a sua Obra.**

DESGOSTO, INCOMPREENSÃO E REVOLTA.



OS MUSEUS NACIONAIS deixaram escapar a belíssima peça de Diogo de Contreiras «Visitação da Virgem a Santa Isabel», que pertencia à igreja de São João das Lampas (Sintra) e que «desapareceu» nos anos 60 do século passado para uma colecção alemã! Apesar do preço baixo, perdeu-se a oportunidade de recuperar para o país uma pintura de excelente qualidade, da melhor fase de um dos artistas basilares do «Maneirismo experimental» português! O que se sabe ainda é

pouco mas de suficiente gravidade: que a tábua foi a leilão por cerca de 17 mil euros, em óptimo estado de conservação, subindo de preço, acabando por ser arrematada por 45 mil libras (preço de martelo) por uma enigmática «senhora Natasha» (uma intermediária de alguém, por certo... a Sotheby's não divulga os nomes dos compradores), o que corresponde, em valor de venda final, a 64.068 €. Não se sabe ainda quem foi o verdadeiro aquisidor, se é português ou estrangeiro. Sendo a pintura uma obra de excelência, de c. 1545-50 (fase em que Contreiras pinta em S. Quintino, em Atouguia e em S. Martinho de Sintra), era sem dúvida uma peça digna de figurar no MNAA -- senão mesmo de ser devolvida à igreja da zona rural sintrense que dela se viu espoliada, tal como advoguei. Recordo o que se passou com outra obra do pobre Contreiras, as tábuas do mosteiro de Almoster (1542-45), que «voaram» nos mesmos anos 60 do século passado (de tão má memória para o património nacional) para mãos particulares... Ora esta tábua sintrense era (é), melhor pintura, mais bem conservada, superior em técnica e 'valentia', do melhor que o artista executou ! Que dizer então? Que se lamenta (e tanto!) a inépcia dos nossos museus e dos nossos guardiães do património nacional. Assistimos a dúbios critérios de compra, que urge questionar, pois se trata de delicada matéria da política de aquisições museológicas e, essa, precisa de ser revista, ouvindo-se a comunidade científica e definindo-se prioridades. Quando uma senhora Natasha, e obscuras agendas especulativas, se sobrepõem aos interesses culturais do Estado português, um caso como este torna-se gravíssimo!

VÍTOR SERRÃO. Professor catedrático, conferencista e historiador de arte português.

<https://www.facebook.com/vitor.serrao.58> (06/07/2018)